

# TEOLOGIA ORTODOXA E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

*Metropolita Ioannis (Zizioulas) de Pérgamo*

## Discurso proferido durante a recepção do Metropolita de Pérgamo como «Grande Colaborador» da Academia de Estudos Teológicos

Caros irmãos

O tempo é representado pelo clima, e o clima é apenas uma parada, uma estação, para que possamos inspecionar o passado e contemplar o futuro. Sem o tempo, tudo flui sem sentido, afunda na morte, nada do que acontece nele sobrevive. Em toda a criação, apenas o homem transforma o tempo em tempo. É privilégio e responsabilidade da liberdade que lhe foi dada pelo Criador, introduzir no tempo, ainda que momentaneamente (como acontece por excelência na Divina Liturgia) a presença e o gosto dos últimos, aqueles que não perecem com tantas coisas inúteis que carregamos nesta vida.

Tal "tempo" sinto que estou vivendo nestes dias, um dom de Deus misericordioso que me foi dado pelas mãos do Diretor da Academia de Estudos Teológicos e que faz a distinção honrosa como seu primeiro "Sócio".

Interrompo assim o fluxo do tempo da minha vida e coloco-me nesta etapa do seu percurso antes de mais para agradecer ao Senhor doador, que me deu o grande dom da minha existência e a sede de procurar o seu sentido, e depois a todos vós que, liderados pelo carismático Bispo desta Igreja local, se deram ao trabalho de me honrar com sua presença aqui. Agradeço especialmente a S. Santidade e muito honorável Patriarca Ecumênico, Bartolomeu que em Sua condescendência enviou o Secretário do Santo Sínodo do Patriarcado Ecumênico, o Revmo. Arquimandrita Bartolomeu, portador de uma Mensagem Patriarcal, cujas palavras me comoveram profundamente. Do fundo do coração, agradeço também a Sua Beatitude o Arcebispo Ieronymos, de Atenas e de toda a Grécia, por sua nobre gentileza em enviar seu representante para este evento, o Reverendíssimo Metropolita de Velestino o Arcebispo Damasceno, e por suas gentis palavras sobre minha humildade. Agradeço também aos Veneráveis Sumos Sacerdotes de Mileto, Trikkis, Thessalotis, Ellassonos, Messinias, Rentini, pela sua honrosa presença aqui.

Em particular, minha gratidão vai para os palestrantes da Conferência Internacional, que foi organizada aqui com base em minha humilde contribuição teológica: meus Veneráveis e amados irmãos Bispos da Igreja da Sérvia Branicevo, Dom Inácio, e na América Ocidental, Dom Maximos, o Grande Arquidiácono do Patriarcado Ecumênico Pe. Máximos, os estimados professores e colegas da academia teológica aqui presentes.

Finalmente, meus calorosos agradecimentos vão para a Academia de Estudos Teológicos, esta grande conquista da Santa Metrópole de Dimitrias e Almyros. A sua decisão de me honrar com o título de “Parceiro” e de organizar esta Conferência Internacional para o meu trabalho é, para a minha humildade, fonte de reforço no difícil percurso do meu ministério eclesiástico e teológico. Agradeço à sua Diretora, Sra. Pantelis Kalaitzidis, pelas amáveis razões com que apresentou o percurso acadêmico da minha vida até aqui. A misericórdia de Deus tem sido rica, mas minha resposta tem sido inadequada. Bendito seja o nome do Senhor!

Caracterizei este honroso acontecimento como um "tempo" e uma "estação" no decurso do tempo da minha vida, porque hoje sinto o dever de me posicionar, e com sobriedade, sem me deixar influenciar nem por elogios nem por polêmicas cruéis e injustas, para supervisionar o passado e olhar para o futuro. Uma das grandes lições que o Senhor me permitiu aprender em minha vida, não sem dificuldade e custo pessoal; isto porque o trabalho de cada um de nós não é elogiado ou desacreditado pelo julgamento das pessoas, mas pelo de Deus. E o julgamento de Deus não se expressa por meio de publicidade efêmera, mas leva tempo para se manifestar — tempo histórico e, em última instância, escatológico. *"E se os edificarem sobre o fundamento de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, erva, cana, a obra de cada um será revelada; no dia seguinte declarará que será revelada no fogo, e a obra de cada um será provada pelo fogo; cuja obra é o que edifica sobre, recebe o salário; se a sua obra se queimar, fica danificada"* (Cf. 1 Cor 3, 12-14).

Aproximemo-nos com temor de Deus tanto da nossa própria oferta como da oferta dos outros. Se o que testemunhamos for verdadeiro, não importa quanta lama caia sobre ele, Deus o trará à luz. Guiado por esse ensinamento, evitei ao máximo a controvérsia teológica em minha vida. Preferi que o já tímido tempo da minha vida fosse gasto positivamente, testemunhando, não negando, mesmo quando o que eu deveria ter negado tinha a ver com críticas apaixonadas ou promoção pessoal e calúnia.

Com esta observação, permita-me abrir a questão do futuro da Teologia Ortodoxa em nosso tempo. O primeiro e, na minha opinião, o maior problema da Teologia Ortodoxa hoje é a ausência de proposições positivas. Quando na década de 1960 a geração de teólogos, à qual pertencço, "se rebelou", de certa forma, na teologia acadêmica, tal como havia sido moldada segundo os padrões ocidentais pelas gerações anteriores, ela não se limitou a críticas, mas apresentou propostas positivas. Alguns extraíram da tradição hesicasta e moldaram a teologia em torno do eixo da experiência pessoal com um forte elemento carismático. Outros compreenderam a teologia ortodoxa no campo da filosofia, destacando a ontologia do relacionamento. Pessoalmente, encontrei na Eucaristia a chave para compreender primeiro a estrutura e as funções da Igreja, depois a própria antropologia (no sentido da pessoa como sociedade e alteridade) e, finalmente, este mistério do Deus Trino como essência e pessoas, sociedade e alteridade.

Com o tempo, o que aconteceu com tudo isso no início do século XXI? Primeiro, cada uma das propostas acima recebeu duras críticas, mas sem nenhuma contraproposta. Em segundo lugar, e pior, as frases acima colidiram umas com as outras tornando qualquer composição impossível. Recentemente, a abordagem eucarística foi julgada por um "seguidor" da teologia de Romanides como aproximadamente uma "heresia gestante", enquanto Xristós Giannaras agora expressa reservas sobre ela. Vivemos em uma era de conflito teológico. A palavra "herético" tende a denotar qualquer um que discorde de nosso ponto de vista, desafiando o que São Fócio e a antiga tradição da Igreja nos

ensinam, limitando claramente o termo "heresia" apenas ao que constitui uma violação das decisões dos Concílios Ecumênicos.

É, portanto, óbvio que a teologia ortodoxa vive uma polêmica interna, da qual nada de positivo virá. E, claro, a crítica é sempre necessária, mas apenas quando ela está "edificando e não destruindo" (Cf. 2 Cor 13:10). É dever dos teólogos ortodoxos do século XXI fazer uma síntese criativa das várias tendências trazidas à tona pela geração de 1960. Essas tendências vieram da mesma matriz e não são estranhas umas às outras. Eucaristia e serviço foram vividos no passado pela Igreja como uma única experiência. Enfatizar um em detrimento do outro é um fenômeno recente, que traz sérios riscos. Quando excluímos os dons espirituais dos "anciãos" e desvalorizamos as instituições da igreja, cultivamos uma teologia protestante, que mais cedo ou mais tarde desintegrará a Igreja, como aconteceu no Ocidente protestante. E quando desligarmos completamente suas instituições da dimensão carismática da Igreja, então o legalismo secará a Igreja da vitalidade do Espírito. A síntese dessas dimensões está se tornando cada vez mais necessária na Teologia Ortodoxa.

Neste ponto devemos fazer uma observação histórica. No século XIX e até meados do século XX, o elemento institucional da Igreja havia prevalecido na Teologia Ortodoxa. Mas hoje chegamos ao outro extremo. Inicialmente, a deterioração do elemento teológico começou na Grécia a partir de seu enfraquecimento moralista pelas Irmandades. Na ortodoxia fora da Grécia, a teologia da diáspora russa, eu diria como um todo, com as posições de Nikolaos Afanasiev como ápice, deu o primeiro golpe na eclesiologia institucional, enquanto em nosso país chegamos ao ponto em que os bispos de Peritromis atribuem sua autoridade espiritual aos talentosos "anciãos" e à instituição episcopal para aceitar vários desafios da teologia ortodoxa moderna. Certamente, os próprios bispos não estão isentos de responsabilidade por esta situação.

A composição, então, do elemento institucional e carismático em nossa Igreja surgirá como um problema chave na Teologia Ortodoxa do século que estamos atravessando. Eu diria que isso também vai determinar a sobrevivência da Igreja Ortodoxa, porque, por mais que pareça excessivo, logo não saberemos por que precisamos do bispo na Igreja. Visto que tudo o que é essencial para a nossa salvação agora é feito pelo presbítero (ação de graças, confissão e outros sacramentos além da ordenação), o bispo passará a desempenhar um papel decorativo nas festas, e nada mais. Quanto à instituição sinodal, ela agora se transformou em um instrumento para "tratar das questões atuais", e as decisões sinodais, que já foram o critério último para distinguir entre verdade e heresia, agora estão escritas para outras funções.

A Teologia Ortodoxa no século XX é chamada a conversar com o mundo exterior - caso contrário, ela se tornará um "gueto" e terá o destino de todas as "seitas" da história. Por mais alienante que o termo "teologia relacional" possa soar, o núcleo de seu significado sempre permanece crucial. A teologia que não escuta o que se passa ao seu redor condena à morte a herança recebida de seus Padres. Este é também o significado da *"síntese neopatrística"*, proposta pelo falecido George Florovski. Não se trata de transcender a teologia patrística, mas de uma interpretação dela, que lhe permita dar resposta aos problemas existenciais do homem do nosso tempo e de culturas diferentes da nossa. A teologia ortodoxa é chamada a dar o seu testemunho falando, segundo o modelo do Verbo encarnado, ao homem moderno "por dentro", erguendo as suas cruzes e tentando compreender suas ansiedades.

E o que mais? A teologia patrística deve sempre permanecer a base da teologia ortodoxa, porque os Padres realmente compreenderam os problemas existenciais do homem em toda a sua profundidade. Deste ponto de vista, não podemos ir além dos Padres. Mas, embora a essência da teologia patrística permaneça inalterada, pessoas de todas as épocas e culturas vivenciam seus problemas existenciais de maneira diferente. O dever da teologia ortodoxa é tentar constantemente responder à pergunta, não o que os Padres disseram em seu tempo (este é o trabalho dos historiadores), mas o que eles diriam hoje, se fossem confrontados com os problemas de um homem ocidental contemporâneo. Isso constituiria "traição" aos Padres? Pelo contrário. Seria uma traição, ao contrário, transformar os Padres em tesouros arqueológicos, que guardamos no museu, sem deixá-los falar a linguagem do nosso tempo.

Em outras palavras, a dívida da teologia ortodoxa em nosso tempo é, para usar termos técnicos acadêmicos, tornar-se, a partir de uma teologia histórica, sistemática — algo que, infelizmente, é pouco cultivado em nossas Escolas de Teologia. Assim como ninguém é um bom aluno quando "papagaia", repetindo textualmente as palavras de seu mestre, assim o discípulo dos Padres é chamado a dizer "em suas próprias palavras", palavras de seu tempo, o que os Padres lhe ensinaram.

Assim, em nosso tempo, a teologia ortodoxa é chamada a fornecer respostas, sempre partindo do pensamento dos Padres, para questões que dominam nossa cultura moderna. Hoje, por exemplo, o homem enfrenta um problema desconhecido no tempo dos Padres, a crise ecológica. Este problema surgiu da arrogância e presunção do homem sobre o resto da criação, que foi cultivada principalmente com o Iluminismo e a revolução tecnológica. A cosmologia patrística, juntamente com a tradição litúrgica e ascética e a experiência da Ortodoxia, devem ser interpretadas com referência direta a este problema. Aqui, então, está a oportunidade de sintetizar a eucarística com a teologia ascética, que é ao mesmo tempo uma "teologia relacional".

Mas o século em que vivemos traz consigo outros desafios para a teologia ortodoxa. Um deles, talvez o mais grave, é a globalização em rápido desenvolvimento, com todos os seus parâmetros. O primeiro e importante parâmetro da globalização está relacionado com a tecnologia e todas as suas consequências. A tecnologia, e mesmo na sua forma digital, torna a comunicação das pessoas direta, ou seja, sem a mediação da comunidade local, que é essencialmente abolida.

As consequências para a teologia são chocantes, especialmente no campo da eclesiologia. Todos nós sabemos que a eclesiologia ortodoxa — ao contrário da dos católicos romanos — é baseada na Igreja local. O núcleo e célula da Igreja Ortodoxa é a Igreja local reunida em uma Eucaristia em torno de seu bispo. Isso tem sido guardado através dos tempos como uma menina dos olhos protegida por regras sagradas que proíbem um bispo de "invadir" o território de outra diocese. Mas agora que o rádio, a televisão ou mesmo a internet transmitem a Divina Liturgia e o sermão para um âmbito muito mais amplo de uma diocese, o que acontece com a proibição de "invenções"? Como pode um fiel de uma Igreja local que assiste à retransmissão da Divina Liturgia rezar pelo "seu" ("nosso") arcebispo, quando o bispo comemorado não é o dele, mas de outra pessoa? Será que vamos nos viciar lentamente em "não importa" quem é o nosso bispo, quando participamos da Santa Eucaristia? Mas isso agora desconectaria o bispo da Eucaristia, e todas as regras sagradas da "iniciação" se tornariam uma farsa.

Não há dúvida, penso eu, de que a primeira e mais trágica vítima da tecnologia digital em breve será a eclesiologia eucarística. Uma sociedade global também resultará

em uma eclesiologia global, ou seja, uma dissolução da igreja local. O que deveria ser feito? A resposta não é fácil. O mínimo que se pode fazer é proibir a retransmissão da Divina Liturgia: que a Eucaristia volte a ser o que era, ou seja, *Synaxis*. A ilusão de que eu supostamente participo da Sagrada Eucaristia, sem vir (físicamente) "a ela", mina o próprio significado da Sagrada Eucaristia e encoraja a dissolução da Igreja local, que já está acontecendo em grande medida.

Mas o desafio da tecnologia e da globalização não para na Igreja local. Sua próxima vítima serão as chamadas Igrejas "nacionais" ou "autocéfalas". Quando os estados-nação cedem lentamente sua soberania nacional em áreas como a economia (e mais, veja a Grécia hoje), como a consciência da Igreja nacional sobreviverá? Quando a composição demográfica de um país está mudando rapidamente com a mistura de muitas nacionalidades, como podemos orar "por nossa nação piedosa"? A Igreja Ortodoxa e sua teologia estão prontas para enfrentar esses novos desafios ou preferem fechar os olhos para sua chegada?

Relacionado a esses desafios está a rápida desconexão das sociedades contemporâneas (principalmente ocidentais) das crenças e preceitos morais da Igreja. A religião está sendo lentamente privatizada e deixa de ser uma experiência pública. O casamento é dessacralizado e se torna um simples contrato ou coabitação. O que a Igreja proíbe, o Estado permite. Estes podem ainda não ser uma realidade no nosso país, mas quem tem olhos vê-los a chegar também aqui.

Poderíamos mencionar muitos outros desafios de nosso século, mas vamos focar nosso pensamento na dívida da teologia ortodoxa. Muitos dos desafios que mencionei já enfrentaram a teologia cristã no Ocidente. O resultado foi ou uma colisão frontal da teologia com esses desafios (isso aconteceu principalmente na teologia católica romana) ou uma completa submissão a eles (o caso do protestantismo, com exceção de sua porção evangélica e fundamentalista). A teologia ortodoxa só agora começou a ser perturbada. Alguns ortodoxos que seguem o modelo (oficial) católico romano ou evangélico-protestante optam por enfrentar esses novos desafios. Outros estão dispostos a se comprometer com eles, incorrendo na ira de seus predecessores.

É minha humilde opinião, o enfrentamento direto é fútil e não se encaixa no *ethos* da Ortodoxia. Quando a secularização bateu à porta da Igreja e a ameaçou na era pós-Constantino, a Igreja respondeu com suas duas posições teológicas: a vida litúrgica e o monaquismo. Ambos os elementos tinham uma coisa em comum: sua orientação escatológica. A teologia ortodoxa não se baseia em formações históricas para que precise defendê-las. Ela está interessada no homem como imagem de Deus sob quaisquer condições históricas e onde quer que ele esteja, e a este homem ele serve projetando diante de si uma visão, uma perspectiva escatológica, para adaptar a ela a sua vida. Foi o que fez nos primeiros séculos, foi o que continuou a fazer no Império Otomano, e isso salvou essencialmente a Ortodoxia, quando foi privada de qualquer possibilidade de intervenção nos acontecimentos sociais pelos regimes comunistas. A vida litúrgica e o monasticismo foram a resposta da teologia ortodoxa em todos esses casos.

Reverendos e queridos padres e irmãos. Eu disse no início do meu discurso que este honroso evento é uma estação no fluxo do tempo da minha vida. Nele eu estou em ação de graças, mas também em admiração por supervisionar o passado e olhar para o futuro. Olhando para o passado e para o futuro que nosso século traz consigo, permaneço impenitente sobre uma coisa em minha jornada teológica: a abordagem eucarística da teologia. Esta abordagem permanece para mim o único caminho que a teologia ortodoxa

tem diante de si, enfrentando os desafios do nosso século. A partir dessa abordagem, ele pode não apenas sobreviver, mas também para a Ortodoxia escolher criativamente com as ciências sociais, mesmo naturais, de nosso século, criticar seriamente os elementos de nossa cultura que são negativos para o homem e a criação de Deus, e contribuir - tanto quanto as limitações e antinomias da história — na criação de uma civilização mais humana. A abordagem eucarística não é unilateral. Nada é mais "universal" do que a Santa Eucaristia. Tudo termina aí e se reconhece: o Batismo, o Arrependimento, a arte e tudo o mais que inclui a existência e a vida do homem, mas também de toda a criação. Basta a nós, teólogos, abriremos bem os olhos, e livres de preconceitos e disputas pessoais, para perscrutarmos a profundidade e a amplitude deste Mistério dos Mistérios. Lá encontraremos toda a nossa teologia.

Assim, olhando para o futuro, aguardo com expectativa o que aprendi e ensinei. O que acontecerá com a semente que caiu, só Deus sabe. Aquele que dirige a História pode anular o que eu estabeleci, ou, como espero, encontrar nela algo que seja útil para Seus planos. Tudo o que posso dizer é o que gostaria de ver na era depois de mim. E isso pode incluir, por exemplo, o seguinte:

a) Alunos que darão passos além do que eu disse, desenvolvendo-os de forma construtiva e criativa.

b) Uma extensão da teologia eucarística em áreas que eu pessoalmente gostaria, se tivesse tempo, de cobrir. Uma dessas áreas é a Arte, sobre a qual a teologia eucarística tem muito a dizer. A teologia ortodoxa está conectada por sua natureza com a arte. Com ela teologizou no passado antes de se submeter ao cativo da mentalidade acadêmica. Não há teologia ortodoxa sem um diálogo fecundo com a Arte em todas as suas formas (literatura, música, pintura, teatro etc.). A Sagrada Eucaristia rapidamente encontrou sua expressão na arte. É hora de encontrá-la novamente.

c) Mas mesmo com a Ciência a teologia eucarística deve ser escolhida. Pois a Eucaristia inclui uma cosmologia que tem muito em comum com as ciências naturais, tanto no conteúdo quanto na metodologia.

d) Finalmente, em termos de ética (ou melhor, de *ethos*) o tema é e sempre será inesgotável. O que a teologia eucarística tem a nos dizer sobre questões de bioética, ética sexual, missões, enfrentamento da violência etc.

Minha humilde oferta tentou conectar a Eucaristia com as instituições eclesiais e com a antropologia. Mas a teologia eucarística tem um potencial inesgotável. Isso permite que meus alunos possam ir mais longe em áreas como as que mencionei. A Igreja precisa disso.

É o que gostaria de dizer por ocasião deste evento, como revisão do que humildemente, com a graça e a misericórdia de Deus, ofereci à Teologia. Obrigado por me dar a satisfação de estar aqui. Este é o maior presente para um ser humano de ter a oportunidade de compartilhar os meus pensamentos e ansiedades. Desejo humildemente que o Espírito Santo dirija a Teologia Ortodoxa no cumprimento de sua missão em um mundo que tanto precisa da palavra salvadora da Ortodoxia.

Obrigado.